

# Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade do J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha		Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humeristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	
PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA		PORTUGAL, COLONIAS E HESPANHA	
Anno.....	48000	Anno.....	88000
Semestre.....	25400	Trimestre.....	28000
Trimestre.....	18200	Mez (em Lisboa).....	700

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



## Summario

**Capa:** A PROCISSÃO DA SAUDE (Cliché de Broeliet) • **Texto:** QUEM É O REI DE PORTUGAL, (continuação) 31 illustr. • A SESSÃO REAL DA ABERTURA DAS CAMARAS, 1 illustr. • AS FESTAS NA «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA», 1 illustr. • A PROCISSÃO DE N. S. DA SAUDE, 1 illustr. • O SR. JOÃO FRANCO EM NAPALIO, 1 illustr. • O CONGRESSO DE INSTRUÇÃO PRIMARIA, 1 illustr. • AS EXEQUIAS OFFICIAES DE EL-REI D. CARLOS E DO PRINCIPE REAL D. LUIZ FILIPPE, 6 illustr. • COMO SE ACCLAMAM OS REIS DE PORTUGAL, 10 illustr. • • • • •

# Novo diamante americano



A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs., brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

## LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO  
BARBA  
PESTANAS  
SOBRANCELHAS

Único producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as afecções do couro cabeludo.  
L. DEQUEANT, Pharmacien 38, Rue Clignancourt Paris  
Em LISBOA, 19, Rua do Arco a Jesus, a quem deve-se dirigir para todas as informações e entregas.  
A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

PLAQUES

# JOUGLA

PAPIERS

## O THEOURO DA CABELLEIRA

Antiseptico  
Regenerador  
Perfume delicioso

# PETROLEO HAHN

MARCA DE FABRICA



Evita a Queda dos Cabellos  
Recusar, por serem perigosas e inefficazes, quaisquer imitações apresentadas em lugar do verdadeiro PETROLEO HAHN.  
F. VIBERT, Lyon (França)  
DEPOSITO EM TODAS AS PERFUMARIAS E DROGARIAS.

# SEIOS

Desenvolvidos. Reconstituídos  
Afirmozados. Fortificados com as  
"Pilules Orientales"



O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar dano algum a saude. — Aprovado pelas notabilidades medicas.

J. Ratlé, Pharmacien,  
2, passage Verdeau, Paris.

Frasco com instruções reias 1500  
Frasco, para valle do correio enviado a :  
J. P. Bastos & C. 39, Rua Augusta, Lisboa.

## ALIMENTO DELICIOSO!

# BANANINE MIALHE

Farinha de Bananas esterilizada chocolatada e phosphatada

Recomendada aos estomagos delicados

CRIANÇAS - CONVALESCENTES - VELHOS

Pharmacia del Dr. MIALHE,  
PROFESSOR NA FACULDADE DE MEDICINA  
8, rue Favart, PARIS

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre  
chiromante e physionomista da Europa

# Madame BROUILLARD



**D**iz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticinios. Pela estudo que fez das sciencias, chronamicas, chronologia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lamproze, d'Arpenigney, Madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, lrançes, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

43, RUA DO CARMO, sobre-loja — LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

# BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO  
GOTA  
NEURALGIAS

Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias



**Discos Simplex** de double face, os melhores pela sua nitidez e duração contendo o mais VARIADO e MODERNO REPERTORIO em musica e canto dos melhores auctores NACIONAES e EXTRANGEIROS. Marca registrada, propriedade exclu-

# Discos

siva de J. Castello Branco. Preços exceptionaes e grandes descontos para a venda no Brazil e colonias portuguezas.

# Simplex

Grande deposito de discos e machinas fallantes. PEDIR CATALOGOS a J. Castello Branco  
Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 — LISBOA

# QUEM É O REI DE PORTUGAL

(Continuado  
do n.º 114)

A INFANCIA DO  
REI D. IZA-  
BEL PONTE,  
AIA DE D. MA-  
NUEL. UM PRIN-  
CIPE EDUCADO SE-  
GUNDO OS PRINCI-  
PIOS DE JEAN-JA-  
CQUES ROUSSEAU

Ao completar de-  
zoito mezes, Maria  
dos Anjos deu pela  
ultima vez, choran-  
do, o seu branco seio  
plebeu ao futuro rei  
de Portugal. N'esse  
amovavel seio de mu-  
lher do povo, que o  
creára, o Infante be-  
bera o leite da hu-  
mildade e da dedi-  
cação. Durante anno  
e meio, n'aquelle re-  
gaço humilde, o In-  
fante adormecera,  
sonhára, sorrira, bal-  
buciára a primeira  
syllaba, ensaiára o  
seu primeiro beijo.  
Era assim d'esse po-  
vo, a cujos destinos  
incertos seria chama-  
do um dia a presi-  
dir, que o infante D.  
Manuel recebia com  
os primeiros carinhos  
o primeiro alimento.  
Como um arbusto que  
se transplanta leva  
canso a floresta na  
sua seiva ignorante,  
assim no nobre sangue dos Braganças, dos Or-  
leans, dos Saxes e Saboyas esse leite plebeu,  
puro, virtuoso, humilde e resignado misturou  
a gotta generosa e rubra d'essa raça millenaria  
e soffredora, que desde os primordios nebulos-  
os da Historia só teve um nome — o Povo.

Era agora preciso, d'essa  
creança que já balbuciava, fa-



El-Rei D. Manuel, aos 8 annos  
(CLICHE CAMACHO)

zer um gran-  
de principe,  
generoso e for-  
te, piedoso e  
bom.

Oriunda de uma fa-  
milia de mães admi-  
ráveis, cujas virtu-  
des os historiadores  
assignalaram, a Rai-  
nha era a neta d'essa  
infeliz e nobilissi-  
ma duqueza d'Or-  
leans, cujos aposen-  
tos o povo amotina-  
do de Paris, invadin-  
do em 1848 as Tu-  
lherias, respeitára  
como um tabernacu-  
lo sagrado. A educa-  
ção dos dois Princi-  
pes teve como mo-  
dello a que a viuva  
exemplar e inconsol-  
avel do duque de  
Orleans dera aos seus  
dois filhos, o conde  
de Paris e o duque  
de Chartres, com  
uma ternura assidua,  
desvelada, inquitada  
e providente. Esse es-  
pirito de familia,  
tão enraizado no ra-  
mo segundo dos  
Bourbons, instinc-  
tivamente impunha á  
Rainha de Portugal,  
para a educação dos  
Principes, o modelo  
prestigioso d'essa  
avó sublime, que  
absorvera a parte me-  
lhor da sua vida

n'essa grave, delicada tarefa em que tanto se  
comprazia o seu coração fiel e rigoroso. Pro-  
testante, não tendo renegado a sua fé pelo  
casamento—porque renegar era uma acção  
que a sua alma recta repudiava—ella educára  
os seus filhos no catholicismo, mas n'um catho-  
licismo que nada tinha de meri-  
dional e supersticioso: esse catho-  
licismo quasi lutherano pela



simplicidade severa, que, contra o que geralmente se pensa e diz, revestiu sempre, nos Orleans, esse caracter de tolerancia á Jean-Jacques Rousseau em que madame de Genlis educára, para as provações do exilio, o duque de Valois, que mais tarde devia ser o rei Luiz Filippe, bisavô da Rainha D. Amelia.

Entregue, como seu irmão, aos cuidados de D. Izabel Ponte, o infante D. Manuel encontrou na grande fidalga sua aia e na bondade, na paciencia e no carinho de D. Carlota Campos as mais perfeitas collaboradoras da obra methodica de educação a que a Rainha sua mãe lhe submetteu o caracter desde o primeiro despertar da consciencia. Foi D. Carlota Campos quem lhe ensinou a primeira oração, quem lhe ensinou as primeiras letras, quem lhe ensinou a primeira doutrina. E desde logo, n'esse noviciado da *nursery*, o caracter dos dois irmãos se revelou diverso. O primogenito era talvez menos vivo no aprender. Tinha a memoria hereditaria dos Braganças e uma serenidade apprehensiva. O seu espirito reproduzia as feições delicadas do seu rosto: o brilho sem o lampejo, o encanto sem o sortilegio. D. Manuel foi, desde a mais tenra infancia, um reflexivo, um espirito de infiltração rapida e profunda.

Um dia, encontrando-o debruçado sobre um mappa, o conde de Ficalho, sorrindo, chamára a attenção d'El-Rei para aquelle quadro da *Mocidade do Infante D. Henrique*. A phra-

se era apenas graciosa, impregnada d'essa humoristica gentileza que foi o apanagio intellectual d'esse grande senhor erudito e sybarita. Mas o *fumo* d'aquelle dito provincia do *fogo* d'aquella pensativa e pre-coce gravidade, que revelava um caracter.

Pestalozzi, o celebre pedagogico, affirmava que no brincar da creança podiam vêr-se as acções futuras do homem. Por uma subtil revivescencia de inclinações ancestraes, a mechanica, esse officio dilecto aos Orleans e aos Bourbons, exercia uma sedução irresistivel sobre o pequenino infante. As suas mãositas travessas estendiam-se, supplices, para os relogios dos dignitarios e dos familiares. Nada o entretinha como vêr caminhar os ponteiros nos mostradores de ouro ou porcelana, entre os algarismos romanos, e ouvir o tic-tac isochrono dos machinismos. O relogio era o grande mysterio fascinador, perante que se dilatavam os seus olhos meditativos. Os brincados que o interessavam eram, sobretudo, os de movimento. E a

sua curiosidade avida exigia a explicação minuciosa dos segredos que faziam caminhar os comboios sobre o tapete e gesticular os polichinellos.

Aos cinco annos já os seus cabellos annellados escureciam e a sua parenciam a sua avó paterna se accentuava, a ponto de correr de mão em mão, no paço, uma miniatura de infancia da Rainha D. Maria Pia, onde essa semelhança quasi parecia milagrosa. As damas divertiam-se então a vestil-o de mulher, impro-



A duquesa d'Orleans (D. Helena de Macklemburgo) com seu filho primogenito o conde de Paris, pae de S. M. a Rainha D. Amelia



visavam-lhe um manto, enfeitavam-no de joias e o Infante imitava no andar, na postura e nos gestos a senhoril magestade da avó, cujas attitudes nenhum escultor, infelizmente, perpetuou no marmore.

Physicamente, elle representava um retrocesso á linha de Saboya, que lisongeava a madrinha. Coincendencia singular, em Portugal como na Ita-

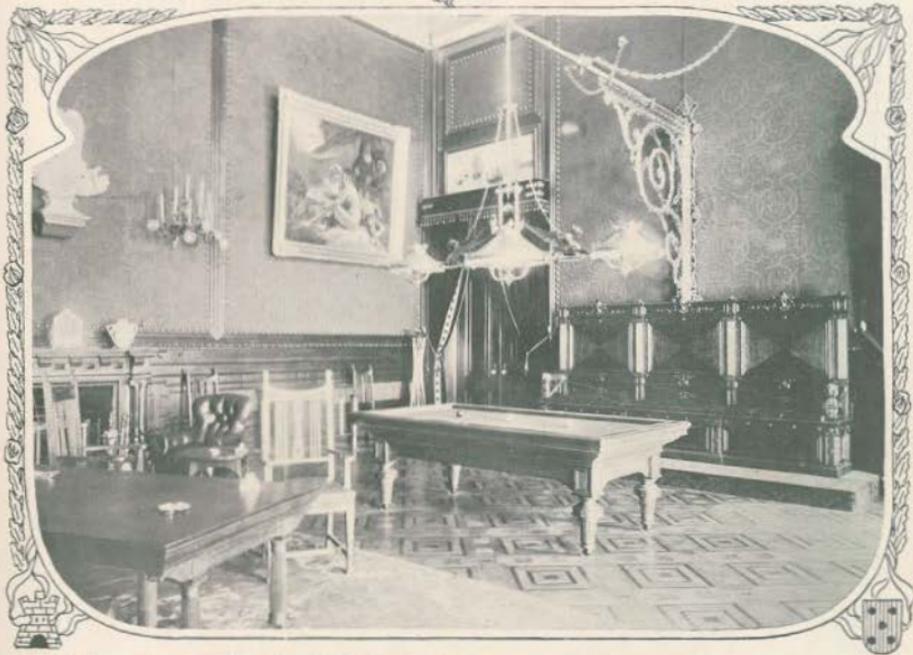


Srs. condes de Comaristas de serviço no dia 15 de novembro

Ficatho e Sabugota paço de Belem no dia 15 de 1889

vos... A avó idolatrava o neto, reconhecendo n'aquelle esboçar tenue de um caracter as qualidades e as inclinações da sua raça, com os mesmos devaneios, a mesma sensibilidade aguda, a mesma sedução instintiva da belleza.

Sequestrado, como seu irmão o Príncipe Real, a toda a vida formalista da corte, creado longe das cerimoniaes palatinas, ao



Sala de bilhar no paço de Belem, chamada sala D. João V por ter n'uma das paredes o busto em marmore d'este Rei

lia, na segunda e terceira gerações, o sangue impetuoso de Victor Manuel produzia assim um temperamento de ponderação e de equilibrio, reflexivo e methodico, que o destino ia pôr em presença — cá como lá — de movimentos convulsi-



Capitão Fernando Eduardo de Serpa, official ds ordens d'El-Rei, em serviço no dia 15 de novembro—Conde de S. Mamede, secretario de S. M. El-Rei D. Carlos —Major Duval Telles, ajudante de campo d'El-Rei, em serviço no dia 15 de novembro

abrigo de quanto pudes-se gravar-lhe prematuramente no espirito a noção de uma superioridade herdada, a incomparavel educadora procurou incutir desde cedo no animo dos filhos a doutrina salutar de que um principe, como todo o ho-



S. A. o Príncipe Real D. Luiz Filippe e El-Rei D. Manuel  
(1893)

mem, só tem um valor social absoluto: o que lhe provém do caracter, da intelligencia e do saber. A proeminencia do nascimento era, para as duas creanças, apenas um estímulo. Nunca, no decurso dos primeiros annos, ellas lhe surprehenderam ou suspeitaram o humano privilegio. Creados nos degraus de um throno millenario, com os mesmos rigores com que teriam sido creados no exilio, nunca principes foram educados em mais disciplinada obediencia. O severo Robespierre teria approvado esse regimen estoico, presidido pela moral a mais inflexivel.

D'esses principes a Rainha estava fazendo dois cidadãos.

Essa disciplina puritana não excluía, porém, a ternura. A Soberana não prejudicava a Mãe. Nos tempos agitados e som-



El-Rei D. Manuel aos 7 annos



S. A. o Príncipe Real D. Luiz Filippe e El-Rei D. Manuel  
(1895)  
(CLICHÉS CAMACHO).

brios do ultimatum, da revolta do Porto e da crise, a Rainha procurava assiduamente na convivência dos Príncipes a suave compensação para os seus transe e muitas vezes as suas lagrimas—porque as Rainhas também choram—molharam as frentes candidas dos filhos. N'esse tempo, ella poderia subscrever essa pagina admiravel do amor materno, de que se ufana a historia da França e que um soldado salvou das chamma no saque das Tulherias: o diario da duqueza Helena d'Orleans.

Ella podia dizer ás mães portuguezas: *vinde aprender comigo a educar vossos filhos.*

Aos seis annos, D. Izabel Saldanha da Gama e D. Carlota Campos tinham ensinado ao Infante mais do que a leitura e



El-Rei D. Manuel aos 7 annos

a escripta. Tinham-lhe inculcado o affavel respeito pelos inferiores, o amor pelos humildes, o sentimento embryonario da equidade, da paciencia e da justiça, sem alterarem a individualidade d'essa compleição nervosa e meditativa, rebelde a imposições, inimiga de violencias, que cedia passivamente á brandura persuasiva.

D. Izabel Ponte tinha um recurso infallivel para o aquietar n'uma immobilidade extatica. Era sentar-se ao piano. Então, como uma serpente encantada, o pequenino Infante approximava-se, encostava a cabeça ao regaço da sua aia e quedava silencioso, de olhos abertos, enquanto a doce voz

de contralto se evolava entre as harmonias do Erhardt.

E El-Rei dizia, sorrindo:

— E' D. João IV que renasce!



D. Carlota de Campos  
(CLICHÉ VIDAL E FONSECA)

A ADOLESCENCIA DE UM REI  UM AIO CAVALHEIRESCO E UM PRECEPTOR ERUDITO  ENTRE A BRAVURA DE UM LEÃO E A PONDERAÇÃO DE UM SABIO  OS PRIMEIROS PROFESSORES DE D. MANUEL

Fizera o Infante doze annos e já o Principe Real, quasi tres annos mais velho, passára da tutela amavel das aias para a convivencia heroica de Mousinho e para a disciplina germanica de Frantz Kerausch — o preceptor austriaco, polyglotta notavel e polygrapho juvenil, a quem fôra confiada a missão delicada de superintender na educação litteraria e scientifica dos Príncipes.

Era necessario disciplinar e methodisar a educação d'esse filho segundo, a quem, se não competiam as responsabilidades politicas do primogenito, forçoso se tornava orientar a carreira sob um criterio superior ao que os anachronismos da tradição dynastica applicavam n' outros tempos aos infantes — tradição perniciosa, que produziu o infante D. Francisco.

Mais uma vez o espirito essencialmente pratico da Rainha, nascida na Inglaterra, filha de um sociologo arguto, educada pela mais varonil e energica das mães, se revelou na decisão, apoiada por El-rei, de fazer de seu filho uma concreta utilidade social. D'aquelle pequeno Principe meditativo e artista, os Reis resolveram fazer um marinheiro á semelhança do principe Henrique da Prussia e do duque dos Abruzzos: tal como



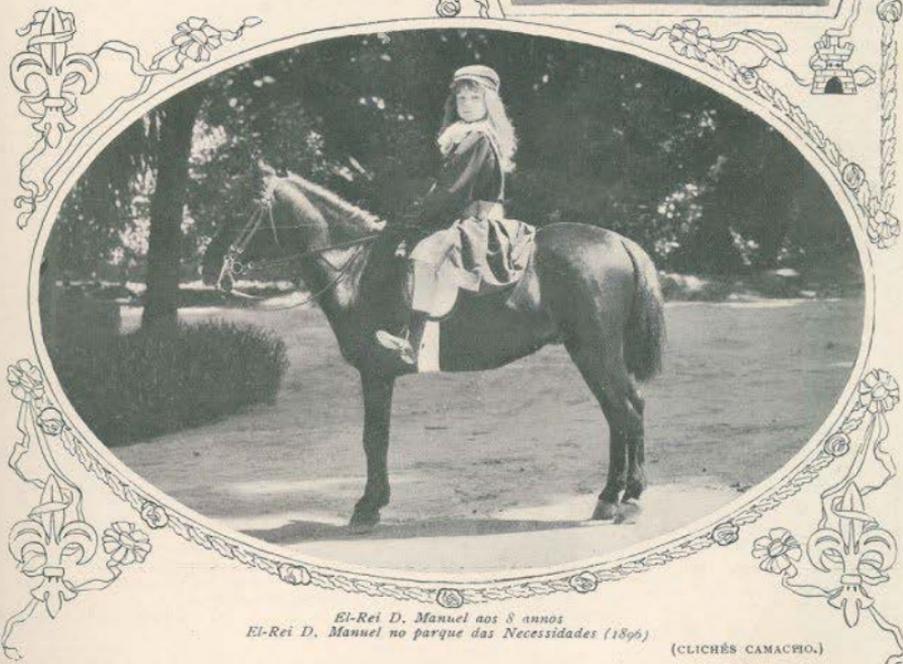
El-Rei D. Manuel  
(CLICHÉ DA PHOT. UNIÃO—PORTO)

o fôra seu avô o Rei D. Luiz, filho de outra educadora exemplar—a Rainha D. Maria II.

Os benefícios que para a nação resultariam de collocar junto do futuro rei um conselheiro experiente em assumptos coloniaes, conhecendo os vastos e distantes dominios ultramarinos e sustentando n'essas remotas paragens o prestigio da corôa, de tal fôrma se impunham que El-rei, conversando com um almirante inglez sobre a profissão destinada ao Infante, dizia: dou-lhe assim tambem um reino: o dos mares: *I will also give him a kingdom—the sea!* E era, de facto, uma realza a que lhe estava reservada. Seria devanear inutil e tristemente o determos-nos na avaliação agora platonica das vantagens que adviriam da collaboração fraterna dos dois Principes quando o mais velho, pela ordem natural das cousas, succedesse no throno, e o mais novo, já conhecedor de todo o nosso imperio colonial, viesse a ser o dirigente e o inspirador de uma vivificadora administração ultramarina. Era para esse destino que os reis de Portugal preparavam o seu segundo filho, alimentando a sua romanesca sêde de aventuras e de glorias, incitando o seu deslumbrado culto de admiração, tão ingenua como ardente, pelas navegações heroicas do cyclo das descobertas e desenvolvendo as suas natuaes aptidões de estudo, a sua avidez de saber, a sua ingenita faculdade de reflexão.

Foi na primavera de 1902 que o Infante D. Manuel iniciou os seus estudos sob a direcção de Kerausch.

Mousinho d'Albuquerque tinha já aquietado para sempre na morte a sua vida heroica, roma-



El-Rei D. Manuel aos 8 annos  
El-Rei D. Manuel no parque das Necessidades (1896)

(CLICHÉS CAMACHO.)



A 3.<sup>a</sup> condessa de Sabu-  
gosa  
Dama de S. M. a Rai-  
nha, que assistiu ao nas-  
cimento de El-Rei D. Manuel

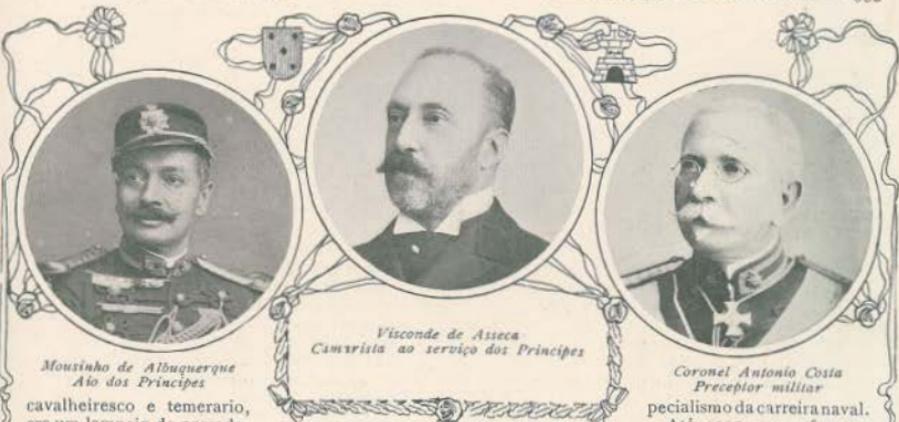
nesca e turbulenta, que tão admiravelmente resurgira em pleno seculo XIX a existencia theatral, exuberante e turculenta de um *condottiere* da Renascença. Mas a figura meridional e trigueira do major de cavallaria, na sua breve passagem pelo paço, como aio dos Principes, deixára um sulco profundo na imaginação juvenil dos seus reaes pupillos. N'uma sociedade combalida de fé, exhausta de energias, padecendo de uma anemia moral de intrepidez, esse novo Albuquerque,



D. Isabel Saldanha da Gama (Ponte)  
aia de El-Rei D. Manuel



El-Rei D. Manuel, vestido de neto  
(CLICHÉS BOBONE).



Mousinho de Albuquerque  
Aio dos Príncipes

Visconde de Asseca  
Cavalleiro ao serviço dos Príncipes

Coronel Antonio Costa  
Preceptor militar

cavalheiresco e temerario, era um lampejo do passado, com todos os seus impetos soldadescos, todas as violencias do animo e todo o cortejo de qualidades e defeitos que distinguiram o heroe dos tempos da cavallaria. Não é sem calculadas consequencias que se põe na intimidade de duas creanças de dez e treze annos um homem d'essa tempera varonil e d'essa suggestiva, contagiosa, indomita bravura. Mousinho representou um grande papel na educação do caracter dos dois Príncipes. Estimulou-lhes a sêde da gloria e o culto da coragem. Confiaõ ainda aos cuidados de D. Izabel Saldanha da Gama e de D. Carlota Campos — filha do escrívão da nobreza do reino — D. Manuel não via sem profunda emoção atravessar as salas do palacio o alto, desempenado vulto militar do aio de D. Luiz Filipe — esse novo Scipião o Africano, triumphador de regulos. Foi assim de longe, quasi entre brumas de legenda, que Mousinho impressionou a imaginação de vaneadora e italiana do Infante.

Morto Mousinho, succedera-lhe como preceptor militar o coronel Antonio Costa. O visconde da Asseca fôra escolhido para camarista dos Príncipes. O preceptor Kerausch — que desde agosto de 1899 estava no paço das Necessidades dirigindo a educação do Principe Real, — tivera tempo de estudar o seu segundo e futuro discipulo. Assistira á formação d'aquelle caracter imperativo e á revelação d'aquelle intelligencia precoce. Kerausch fôra preceptor do duque de Vendôme e terminava a educação do filho do conde de Clary quando recebera, ia em tres annos, o convite da côrte de Portugal para dirigir os estudos de D. Luiz Filipe e D. Manuel. Não se lhe tornou difficil penetrar n'essa alma voluntariosa e poetica, obstinada e paciente, investigadora e reflexiva, onde pareciam reviver as qualidades moraes preponderantes de el-rei D. Pedro V: a mesma gravidade, a mesma ponderação, o mesmo desejo de tudo saber, o mesmo consciencioso escrupulo de tudo analysar. Assim, o primeiro periodo escolar foi intelligentemente orientado no sentido humanista e só muito mais tarde subordinado ao es-



Frantz Kerausch  
Preceptor dos Príncipes  
(CLICHÉS BOBONE)

pecialismo da carreira naval.

Até 1907, os professores do Infante foram, para a his-toria portugueza o padre João Damasceno Fiadeiro, prior de Santa Justa e Rufina; para sciencias mathematicas o major de infantaria e director da escola Marquez de Pombal, Carlos Adolpho Marques Leitão; para lingua e litteratura franceza Mr. Boeyê; para lingua e litteratura ingleza o lente do instituto Alfredo King; para linguas e litteraturas latina e allemã Frantz Kerausch, ministrando-lhe o padre dominicano Domingos Fructuoso conhecimentos de religião e de moral. A cohesão d'esse ensino, distribuido por professores varios, era admiravelmente mantida pelo preceptor Kerausch, cuja vasta erudição humanista preenchia todas as lacunas do complexo programma pedagogico. Elle fizera-se o generalizador de toda a doutrina versada pelos especialistas, methodisando-a, combinando-a, commentando-a. A musica, a equitação e a esgrima constituíam, n'essa vida applicada e laboriosa, diversões de arte e de sport. Uma disciplina inflexivel, de uma severidade germanica, presidia a essa obra fecunda, methodica e progressiva.

A 25 de fevereiro de 1903, já o Infante era submettido a um primeiro exame, perante os Reis e os dignitarios de serviço. Tendo completado 13 annos a 15 de novembro do anno anterior, D. Manuel tinha ido pela primeira vez ao theatro para assistir, em S. Carlos, a um dos concertos da Philharmonica de Berlim. Nunca creança alguma cer-

tamente sentiu uma mais alvo-rada alegria do que este filho de Reis, ao transpôr pela primeira vez as portas fascinadoras de um theatro. Para esse concerto, o Infante preparara-se como para um sacramento, consultando o seu professor de musica Rey Colaço sobre cada trecho do programma, de maneira a elevar-se quanto possivel pela comprehensão á sublimidade das grandes paginas que a orchestra de Berlim ia n'aquelle tarde interpretar.

Ao contrario de seu irmão o Principe Real, cuja organização artistica, delicada e sensibilissima, se satisfazia apenas, na musica, com os pra-



*Prof. Marques Leitão (mathematica) — Prof. Achilles Machado (sciencias naturaes);*  
 zeres da audição, D. Manuel não se contentava em auferir-lhe os perfumes, mas comprazia-se em extrahir-lhe o mel, como uma abelha avida e laboriosa. Não era um *dilettante*. O seu temperamento não se acomodava ao *dilettantismo*. Em toda a especialização, a sua curiosidade indagadora pro-

*Prof. Fontoura da Costa (mathematica) — Prof. Rey Colaço (musica)*  
 nota de semelhança do actual Rei com seu tio-avô, é porque, independentemente de todo o prestigio romantico do paralelo, elle nos faculta a imagem viva, animada e perfeita que procuramos para synthetisar o caracter do juvenil duque de Beja. Demasiado sabemos quanto a litteratura do cortezanismo tem ex-



*Prof. Alfredo King (inglez)*

curava as raizes, não se ficava pelas frondes. Desde muito cedo que se revelára no Infante esse



*O gabinete de estudo dos principes, no palacio das Necessidades (CLICHÉ DE BENOLIEL) — Padre Domingos Fiadeiro (portuguez)*

plorado esse *simile* prestigio. Se não hesitamos por nossa vez em adoptal-o é porque a flagrante pa-



*Prof. Hoeyt (francez)*

mesmo espirito meticoloso de que D. Pedro V deixou abundantes provas na sua correspondencia vastissima e nos seus cadernos vermelhos de apontamentos. E se muito de proposito continuamos ferindo esta

reccena nol-o impõe e porque ella resulta, nitida e impressiva, d'este largo esboço, que quizeramos fosse a severa e minuciosa biographia de um caracter.  
 (Continúa)  
 C. MALHEIRO DIAS.



A SESSÃO REAL DA ABERTURA DAS CAMARAS

*S. M. El-Rei apeando-se á porta de S. Bento*

(CLICHÉ DE BENOLIEL.)

·A·FESTAS·N·A·ILLUSTRAÇÃO·PORTUGUEZA·



Os concertos classicos na nossa sala de festas: O illustre pianista sr. Alexandre Rey Colaço, e os srs. D. Pedro Blanch, notavel professor de violino, e Philip Semers Cocks, distincto violoncellista virtuose

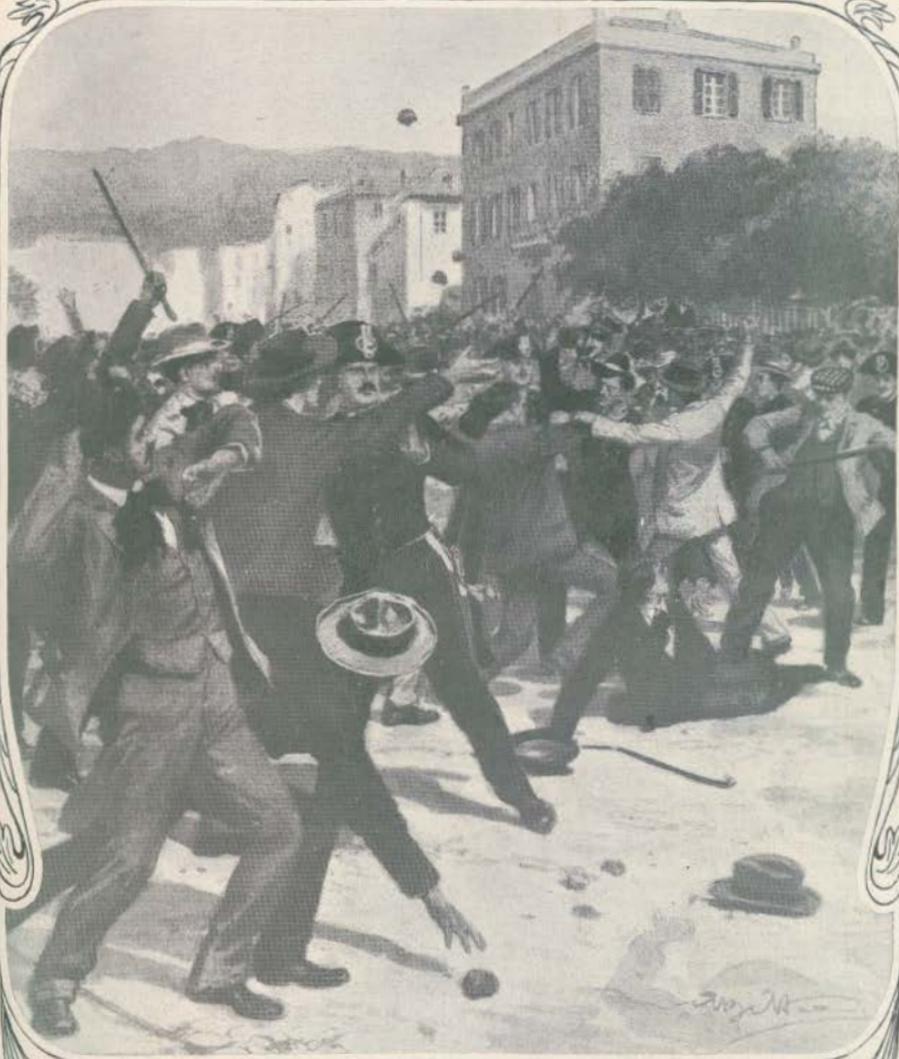
·A·PROCISSÃO·DE·N·S·DA·SAUDE·



O guilho no largo de S. Nicolau. Este anno a procissão da Saude foi á egreja de S. Nicolau, em vez da de S. Domingos, que estava, como se sabe, interdita

(CLICHÉS DE RENOLIEL)

## O SR. JOÃO FRANCO EM RAPALLO



Esta pagina é reproducção de outra, composição de A. Beltrame a côres, e publicada no numero da revista ilustrada de Milão *La Domenica del Corriere* de 26 do mez findo.

O desenho do artista italiano representa, como se vê, uma reconstituição da scena das desordens occorridas em Rapallo por causa do comicio promovido pelos anarchistas ligures e piemontezes para protes-

tarem contra a hospitalidade ali concedida ao sr. João Franco. A auctoridade havia prohibido a reunião publica, mas como os seus promotores, apesar d'isso, insistissem em realizar uma manifestação nas ruas, resultou d'ahi um conflicto popular, que começou entre os anarchistas e a população local e no qual teve depois de intervir a força publica, havendo varios feridos.

# O CONGRESSO DE INSTRUÇÃO PRIMÁRIA



*Grupo dos congressistas reunidos na sala Portugal da Sociedade de Geographia, depois da sessão inaugural em 21 de abril de 1908*  
(CLICHÉ DE BENOLIEL)

# AS EXEQUIAS OFFICIAES DE EL REI D. CARLOS E DO PRINCIPE REAL D. LUIZ FILIPPE



Na igreja de Santa Maria de Belem celebraram-se, no sabbado, 25 do mez passado, as exequias solemnes mandadas celebrar pelo governo em sufragio de sua magestade el-rei D. Carlos e de sua alteza o principe real D. Luiz Filippe.

A essa cerimonia, que se realisou com a maior impenoncia, assistiram el-rei, a rainha senhora D. Amelia, o sr. infante D. Afonso e uma larga representação dos dignitarios da cõrte e do elemento official.



*A carruagem regia chegando ao templo—O patriarcha entrando na igreja de Belem—Guarda municipal no largo dos Jeronymos.*



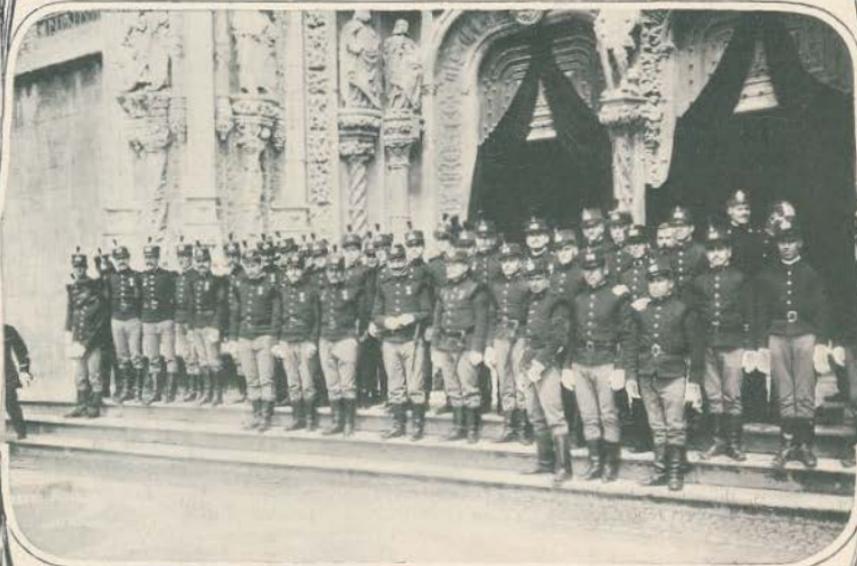
**O povo vê enfim o seu Rei!**

• S. M. El Rei D. Manuel, acompanhado de S. M. a Rainha Senhora D. Amélia, sahindo da igreja dos Jeronymos, onde assistiram ás exequias e fúnebres mandadas celebrar pelo governo no dia 25 de abril, por alma do Rei de Portugal D. Carlos I e do Principe Real D. Luiz Filippe



A decoração do vasto templo manuelino era sumptuosa mas simples. A missa de *Requiem* foi celebrada pelo chantage da Sé de Lisboa e a oração funebre proferida pelo

sr. conego Ayres Pacheco. As cinco absolvições ao catafalco foram lançadas pelo patriarcha e pelos quatro bispos mais antigos.



*Infante D. Affonso e ministerio aguardando a chegada d'El-Rei*  
 —Contingentes dos corpos da guarnição que assistiram ás exequias  
 (CLICHÉS DE BENOLIEL).

# COMO SE ACCLAMAM OS REIS DE PORTUGAL



DA QUEBRA DOS ESCUDOS AO LEVANTAMENTO

Morreu o rei! Viva o rei!

Um gentilhomem, á laia d'arauto, solta o brado á porta da camara mortuaria. A sua voz ecoa como um aviso, a desmanchar esperanças para uns, a trazer alegrias para outros. Terminou um reinado, outro vae commear e todas as cabeças se curvam deante do herdeiro do throno. Lá dentro o cadaver real está entre os sacerdotes e os medicos: já o abandonaram. Pelas recamaras do paço fala-se baixinho, accendem-se velas nos torcheiros, descem as bandeiras até meio das hastes, as salvas reboam n'uma atroada sotrurna, os sinos commecam a tanger lugubremmente e a côrte vae despír os trajos de gala para se vestir de dó. Depois, enquanto se

fazem as derradeiras cerimoniaes na alcova real, cá fóra prepara-se tudo para a quebra dos escudos, segundo o regimento de 1502.

Em S. Vicente de Fóra soluçam os sinos que todos os outros da cidade acompanhavam como carpideiras de bronze aiando desesperos. Na Camara Municipal, o Senado, como se dizia, apparecem os vereadores, procuradores do povo, fidalgos e magistrados, officiaes e o povo sempre avido d'espectaculos. O alferes mór do reino empunha a bandeira, monta-se no seu cavallo e todos o seguem a pé. Por eras remotas iam adeante menestreis tocando trombetas e ali, á porta da Sé, onde toda aquella gente, vestida de luto, parava, o dignitario, baixando o seu estandarte, exclamava:

— Real! Real! Real!! Pelo muito alto e muito poderoso e muito excellente príncipe, rei e senhor!

Soava o nome do morto régio e o cortejo lá ia no seu luto fazer o mesmo na portada da alfandega. Ia de seguida ao Rocio, marchava logo para o castello de S. Jorge e lá arvorava a bandeira, no paredão alto da menagem, enquanto os navios salvavam, bem como as fortalezas.

Ficava içado durante a noite aquelle real estandarte e logo ao dealbar a mesma gente da vespera—e ainda os procuradores dos misterios da Casa dos Vinte e Quatro—saía do municipio levando á frente um dos procuradores da cidade, que do alto do seu cavallo engualdrapado de luto arrastava uma bandeira negra pelo chão.

Atraz o cortejo em duas filas que eram compridas e vestiam luto e ao centro um juiz do civil e dois do crime, segurando cada um d'elles o seu escudo negro. Marchavam até á Sé, depois até ao Rocio e d'aqui ao hospital de S. José. Em todos estes logares se elevava uma tarimba forrada de crepe sobre a qual os juizes subiam para dizerem lá do alto, compungidos e graves, ao povo e aos senhores:

— Chora, nobres! Chora e, povo! Morreu o vosso rei. Citavam-lhe o nome, ouvia-se um estalido secco da madeira pintada de negro e assim se quebravam



os escudos. Celebrava-se na Sé uma missa de *Requiem* e iam tratar de vestir galas para o levantamento do novo rei. Assim se fez até á morte de D. Pedro V, sendo quebrados os escudos á porta da Sé.

Depois tratava-se da investidura do soberano, acto que só no reinado de D. João IV se chamou aclamação, por serem unânimes as opiniões do povo para o levantamento do novo rei.

Geralmente a cerimonia celebrava-se nos paços, no da Alcaçova ou no da Ribeira, sobre uns varandim engalanados de sedas vivas, em face dos terços e diante do povo, no meio da corte.

A' frente do cortejo vinham os reis d'armas de Portugal e Algarve, creados por D. João I, mais tarde vinham tambem o da Índia e os arautos de Lisboa, Ceuta e Gôa, com as suas cotas de seda vermelha com lavores tecidos a ouro e a meio do peito as armas da sua cidade; vinham tambem os passavantes de Santarem, Tavira e Cochim, seguiam-se-lhes os officiaes-môres, o metrinho-môr, o estribeiro-môr, o commandante da guarda real, todos os cargos altos da corte que escoltavam o rei, um pouco adiante do qual ia o condestavel com o seu estoque. O soberano apresentava-se de manto roçagante. Tangiam os menestrels as charamelas e sopravam nas trombetas; batiam-se os atabales.

Sobre uma credencia, n'esse logar do levantamento, estavam o sceptro, a corôa, um missal e uma cruz dourada. O rei recebia o sceptro e de mão estendida sobre o missal, que os bispos seguravam ajoelhados, pronunciava a sua forma de juramento:

—Juro e prometto com a graça de Deus vos reger e governar bem e direito e vos administrar inteira justiça quanto a humana fraqueza permite e de vos guardar vossos bons costumes e privilegios, graças e mercês, liberdades e franquezas que pelos Reis meus predecessores vos foram dadas, outhorgadas e confirmadas.

Logo se lia a formula do juramento dos grandes do reino que todos escutavam e que era assim:

—Juro aos Santos Evangelhos, corporalmente com a minha mão tocados, que eu recebo por meu rei e senhor verdadeiro e natural ao mui alto e poderoso rei

e lhe faço preto e menagem segundo foro e costume d'estes reinos.

O rei d'armas avançava e dizia em voz alta:

—Manda El-Rei Nosso Senhor que n'este acto venham jurar e beijar a mão os grandes, titulares, seculares e ecclesiasticos e mais pessoas da nobreza, assim como se acharem, sem precedencias nem prejuizo de direito d'algun.

Movia-se a turba fidalga; o rei estendia a mão que elles iam beijando e segurava o sceptro contra o peito.

Então o alferes-môr, com o estandarte real desfaldado, chegava á beira do varandim e bradava:

—Real! Real! Real!

O rei d'armas de Lisboa dizia de seguida:

—Ouvide! Ouvide! Ouvide!

Fazia-se um longo silencio e lá do alto a sua voz resoava:

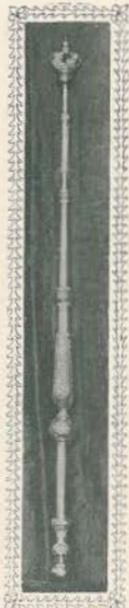
—Real! Real! Real! Pelo muito alto e muito poderoso Senhor—dizia o nome do soberano—rei de Portugal!

De novo as charamelas, trombetas e atabales tocavam; o povo berrava vivas, disparavam-se tiros de polvora secca, repicavam os sinos e no meio do rumor das aclamações o soberano, geralmente a cavallo, encaminhava-se para S. Domingos, onde enviava missa e lá receber depois as chaves da cidade.

Era uma curta cerimonia. Os verdadeiros approximavam-se do throno real, armado no Pelourinho e mais modernamente n'um pavilhão do Terreiro do Paço, a corte e os reis d'armas, os officiaes e os juizes collocavam-se por ordem segundo o ceremonial e era o presidente da camara quem offerencia n'uma salva de prata as chaves da cidade ao soberano, depois de lhe fazer uma falla. Aquelle acto significava confiança e obediencia. O rei por sua vez entregava as chaves ao presidente do municipio e logo este entre os reis d'armas, que pediam attenção ao povo, desfaldava sobre as cabeças o estandarte da cidade, exclamando:

—Real! Real! Real! Por El-rei—aqui citava-se-lhe o nome—Senhor de Portugal!

Assim se aclamaram durante seculos os reis de Portugal. Havia tambem a cerimonia de lhe collocarem a corôa na cabeça, uso que parece ter desaparecido desde o reinado de D. João IV, após o juramento feito



O sceptro e a corôa reaes



*D. Pedro I, imperador perpétuo do Brasil (Desenho do pintor Henrique José da Silva, gravado por Urbain Massard)*



*Bandeira real que serve nas aberturas de côrtes e aclamações e levada pelo alferes-mor*

em côrtes, em 1646, de se ofertar o patronato de Portugal a Nossa Senhora da Conceição, sendo n'esta occasião cunhada moeda de ouro e prata com a effigie da imagem.

No povo porém ha a tradição que a corôa de Portugal não é collocada nas cabeças régias porque D. Sebastião a perdeu nas plagas d'Alcaçer, onde D. Antonio—vaga sombra de rei, no fundo tragico da historia d'essa epoca—não a ponde ir colher na lama tinta do sangue d'uma pleiade brava que lá ficou.

**COMO SE ACLAMARAM ALGUNS REIS  
DE AFFONSO HENRIQUES A  
D. PEDRO V**

D. Affonso Henriques foi aclamado em Ourique, por uma linda manhã de sol, em dia de Santiago no anno de mil cento e trinta e nove. Diante dos seus azes de cavalleiros e peões, sahindo da sua tenda para a batalha, armado de ponto em branco, levando ao lado Pero Paes com a bandeira erguida, Diogo Gonçalves, Lourenço Viegas e Gonçalo de Souza, fez uma falla

á sua brava hoste. Logo, n'um impulso, alguém lhe bradou:

— Senhor, nós vimos a vós que nos faças uma mercê, a qual será grande bem e honra dos que aqui viverem e dos que morrerem e aos da sua geração.

Queridm que elle se deixasse proclamar rei. Pareceu cogitar, o principe, por aquelle arraiar da madrugada. Ao longe moviam-se as filas da moirama e elle voltado para as hostes cobertas de ferro, para os senhores e para o céu, onde nascia o sol recusou, exclamando: *para o que dizeis logar nem hora são convenientes.*

Soou um brado de desanimo no arraiar. Ao longe moviam-se os azes da moirama, tremulavam as signas. Ia seguir-se a batalha; as vozes elevavam-se a pedir-lhe para ser rei. N'um gesto breve da manopla rija o principe accedeu e logo, ao som dos atabales, trombetas e anafins, foi levantado rei.

— Real! Real! Real! Por el-rei D. Affonso Henriques de Portugal!

Linda madrugada aquella do dia de S. Thia-





*O manto real*

go em que nascia a independência de Portugal. Na tarde o novo rei teve a sua purpura, feita dos raios do sol poente a confundir-se com o sangue dos cinco reis moiros vencidos, sobre a sua veste de ferro.

Reinaram os seus filhos e os seus netos. Do campo de batalha foram a investir-se nas praças e nos ajuntamentos. A corôa circular e sem fecho poisou nas suas cabeças até que pela morte de D. Fernando I, o rei de Castella, D. João, a quiz pôr na sua frente castelhana. Foi na Sé de Toledo; erguera-se um tablado. O rei despira as vestes negras e metterá-se n'um manto de panno d'ouro forrado d'arminhos, a que chamavam lombardos. Era já um trajo de gala. A rainha sorria. O arcebispo de Toledo vinha de mitra rica com os seus conegos e entre elles a bandeira alçada, na qual — diz Fernão Lopes — estavam juntas as armas de Castella e as signas de Portugal.

Offerceu ao portuguez Vasco Martins para a empunhar. Elle recusou. Quem a levou desfraldada, no meio d'uma cavalgada estrepitosa e brilhante, foi João Furtado de Mendonça. No furor da carreira, elle gritava: Real! Real! Real! Por el-rei D. João de Castella e de Portugal! Todos applaudiam. Mas de repente um golpe de vento embrihou-o no estandarte, que

se rasgou exactamente pelo logar onde se junta-  
vam os leões ás quas, e o cavalleiro foi cahir  
contra um canto da velha Sé de roldão com o  
corcel.

Houve batalhas. Nun'Alvares venceu-as. Hou-  
ve luctas de direito para o levantamento do Mes-  
tre d'Aviz. João das Regras fez d'ellas umas ta-  
boas razas. Afastou com brava ardeza os filhos  
de Ignez de Castro e disse no fim do seu dis-  
curso aos fidalgos, prelados e procuradores:

— Assim pelas causas que vemos até agora este  
D. João, Mestre d'Aviz, que tanto trabalhou e  
trabalha pela honra e defensão d'estes reinos é  
apto e pertencente e merece esta honra e estado  
de rei.

Nun'Alvares, ao preparar a cerimonia, dizia, a  
esfregar as mãos:

— D'esta vez, meu senhor e mestre, será rei a  
prazer de Deus e a pezar de quem pezar!

Alçaram-no como tal por uma quinta-feira, n'um  
lindo abril d'esperanças em 1423. Coimbra sa-  
grou-o. Lisboa fez uma procissão da Sé a S. Do-  
mingos. Na Rua Nova o povo dançava em torno  
d'um mastro alto, onde tremulava a bandeira real,  
e dizia, no meio do seu folgado:

— Real, real, por el-rei D. João!

Começou assim a dynastia d'Aviz. Floresceu,  
deu dominios a Portugal e terminou com o so-  
nho d'um louco, com a ineptia d'um velho e  
com a desfortuna do ultimo principe cavalleiro.

Vieram os Filippes. Foi recebido, o primeiro,  
com pompas sem equal. Lisboa poz luminarias e  
fez-lhe um arco triumphal, de 54 pés, sob o qual  
lhe entregaram as chaves da cidade. Em Thomar,  
onde levantaram um auto, os duques de Bragança  
e de Barcellos estavam em cadeiras razas nos  
degraus do throno. O castelhano pompeava-se na  
d'espaldada. Correram os sessenta annos de capti-  
veiro. D. João IV subiu ao throno. Foi aclamado  
sobre um tablado no Terreiro do Paço. Francisco  
d'Andrade Leitão fez um discurso; o rei prestou  
juramento nas mãos dos arcebispos de Braga e de  
Lisboa. No Pelourinho, o vereador Francisco Re-



bello Homem disse-lhe algumas palavras e o conde de Cantanhede entregou-lhe as chaves da cidade. Depois dirigiu-se á Sê e d'alli para o paço com o semblante alegre no meio do vozear do povo.

Seu filho, Affonso VI, foi aclamado do mesmo modo. O conde d'Abrantes apresentou-lhe o juramento de sua mãe. O dr. Sousa Macedo disse n'uma discursão: *Os nossos reis nunca são meninos*. Era uma creança o reinho vestido no manto roçagante de tela de prata com flôres de ouro, forrado de carmezim, a repetir o juramento que lhe dictava Pedro Vieira da Silva. Ao lado D. Pedro, seu irmão, vestia de negro—de negro! —e segurava o estoque de condestavel.

—Ouvide! Ouvide! Ouvide!... gritava o rei d'armas e logo:

—Real! Real! Real! Pelo mui alto e poderoso senhor D. Affonso VI de Portugal!

Isto tudo lhe devia parecer uma ironia se de tudo conservou a memoria, no seu carcere de Cintra, o reinho de manto de prata com flôres d'ouro. D. Pedro II, D. João V, D. José, D. Maria I e D. João VI guiaram-se pelas mesmas formulas na aclamação.

D. Pedro IV, no Brazil, de corôa na cabeça e manto pelos hombros, jurou a Constituição. D. Maria II não teve aclamação solenne. Foi triste a de D. Pedro V.

#### A ACLAMAÇÃO DE D. LUIZ O MANTO REAL

A aclamação de D. Luiz é o modelo da aclamação dos reis constitucionaes.

Foi em 22 de dezembro de 1861. D. Pedro V expirára a 11 de novembro. O povo dizia-o victima d'um envenenamento. Morrera o infante D. Fernando. D. João agonizava e o marquez de Fronteira, por este motivo, fez de condestavel na cerimonia.

Pelas 11 horas da manhã o rei sahiu do paço de Belem. Estavam areiadas as ruas até ás côrtes. A' frente do cortejo um piquete de cavallaria, depois os reis d'armas, arautos e passavantes a cavallo e descobertos. Seguiam os porteiros da canna, depois os coches ladeados por triplices álas d'archeiros e moços de estribeira.

A' entrada das côrtes as deputações parlamentares receberam o rei. Os grandes do reino formaram na ala direita, os outros personagens na esquerda. Adiante de D. Luiz caminhavam o mordomo-mór com o estribeiro-mór á direita e o commandante da guarda real á esquerda. Mais adiante os ministros e o conselho d'Estado, precedidos pelo porteiro-mór, vedor e mestre sala. Atraz do soberano o capellão-mór, o camareiro-mór e um ajudante de campo. Um pouco adiante do rei o condestavel. Subiu ao throno, que estava ao fundo da sala. Sobre uma credencia viam-se a corôa, o sceptro, um crucifixo e um livro dos Santos Evangelhos. Pelos degraus ficaram os dignitarios; n'uma bancada, em face, os ministros e o conselho de Estado. O gentilhomem de serviço entregou o sceptro a el-rei, que o segurou com a mão direita. O condestavel es-

tava á sua direita de estoque desembainhado; á esquerda o alferes-mór com a bandeira enrolada. O presidente da camara dos pares, ladeado por dois moços-fidalgos, apresentou ao rei os Evangelhos com a cruz. D. Luiz passou o sceptro para a mão esquerda e, espalmado a direita sobre o livro santo, pronunciou o juramento dos reis constitucionaes:

—Juro manter a religião catholica, apostolica, romana e a integridade do reino, observar e fazer observar a constituição politica da nação portugueza e mais leis do reino e prover ao bem geral da nação quanto em mim couber.

Fez depois uma allocução ao parlamento a que respondeu o presidente da camara dos pares. Houve um largo silencio e o alferes-mór, desfaldando a bandeira real, gritou:

—Ao muito alto e muito poderoso e fidelissimo rei de Portugal Senhor D. Luiz I!

Soaram na sala os tres vivas. O alferes-mór curvou-se n'uma reverencia. Já os reis d'armas, arautos e passavantes estavam na varanda das Côrtes. O rei d'armas de Lisboa gritou:

—Atenção! Atenção! Atenção!

Ergueu-se retumbante a voz do alferes-mór brandando, a agitar a bandeira real:

—Real! Real! Real! Pelo mui alto, muito poderoso e fidelissimo rei de Portugal, Senhor D. Luiz I!

Soaram os vivas do povo, reboaram as salvas, repicaram os sinos. Lá dentro lavraram-se cinco autos: um para o rei, dois para as camaras, um para o ministério do reino e outro para a Torre do Tombo.

Realisou-se solenne *Te-Deum* em S. Domingos. N'um pavilhão do Terreiro do Paço o rei recebeu as chaves da cidade n'uma salva de prata, atadas com uma fita azul e branca. Ouvia o discurso do presidente da camara, ao qual respondeu ao entregar-lhe as chaves.

Depois, na fórma do cerimonial, o presidente, desfaldando a bandeira da cidade, por sobre as cabeças do povo, gritou:

—Real! Real! Real! Por D. Luiz I, rei de Portugal!

Estava aclamado o rei. Assim foi tambem aclamado D. Carlos I, que tinha pelos hombros, n'esse dia, um manto de púrpura e arminhos. Sua magestade a rainha D. Amelia levava um manto azul bordado a ouro. Foi na Camara Municipal que recebeu as chaves da cidade diante de toda a sua côrte agora de luto. Lá estavam muitos dos que o viram nascer.

Assim foram aclamados os reis de Portugal. Parece que D. Manuel II dispensa essa cerimonia, limitando-se a prestar juramento ao parlamento, como um rei verdadeiramente moderno que deseja ter como sceptro o apoio do seu povo e como manto régio os applausos dos subditos.



As chaves da cidade

# A QUEIMA DO JUDAS.

A SEMANA SANTA NO PORTO.



A interessante serie de photographias que inserimos reproduz varios aspectos da ultima semana santa no Porto.

Apenas duas representam interiores de igrejas, que são as do Carmo e dos Congregados, os dois templos portuenses que mais chamam a attenção todos os annos, por serem ornamentados e illuminados em competencia. Uma d'ellas, a do Carmo, foi tirada, como experiencia, ás sete horas e meia da noite, não



Compasso, visita do abbade—Venda de pão de ló em frente á estação central  
—Visita da praça e rua dos Clerigos



havendo outra luz que a das velas do altar.

As demais photographias são todas de episódios e aspectos das ruas, referentes especialmente ao sabbado da Alleluia, que é um dia de extraordinaria concorrência á cidade da gente do campo dos suburbios do Porto.

N'este dia as aldeias proximas despovoam-se: homens, mulheres e crianças, vem tudo, em grandes ranchos a pé, fazer as suas com-

pras e assistir á queima do Judas. Semelhante invasão de gente campesina, com os seus trajos típicos, immensamente variados e das mais garridas côres, imprime uma nota tão intensa e tão pittoresca ás ruas e praças, modifica de um modo tão profundo o ar habitual da cidade, que o Porto parece outro. De resto, é a elles que, na realidade, a urbe pertence n'esse dia. Estão n'ella como na



*Assistindo á queima do Judas nos Clerigos  
—Zenda de regueifas*



sua propria casa, e, carregados de pacotes de regueifas e pilhas de pão de ló, estabelecem o seu quartel general amoroso nos pontos mais centraes, nos Clerigos, nas Carmelitas, e até na praça de D. Pedro, da qual afluem os graves e ponderados juristas que ali costumam juntar-se para discutir politica e saber o preço dos *papeis*.

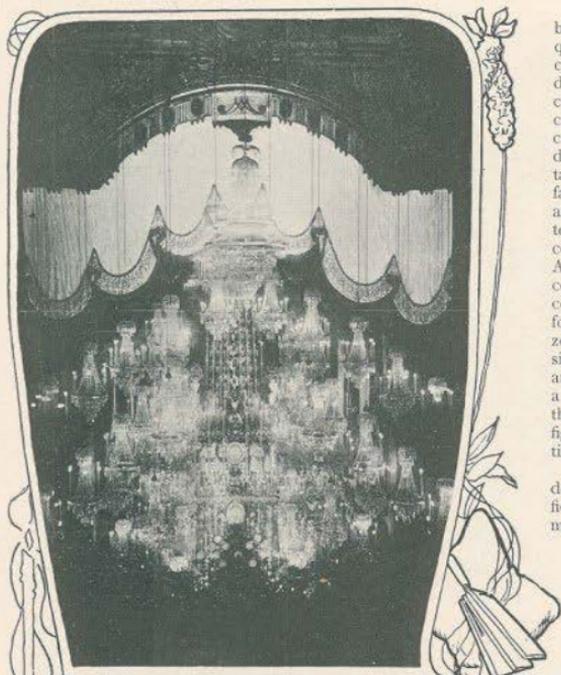
Vêr manobrar o exercito dos *derriços*, é,

então, um curiosissimo espectáculo. Os Tenorios aldeãos esperam pacientemente o momento em que os seus rivaes acabem a *esclaração*,—que é de rigor ser feita em verso,—e assim que um acaba entra logo outro em scena, debatendo a versalhada que traz decorada na ponta da lingua e que já impingiu a mais de duas duzias de Marias.

Uma das cerimoniaes caracteristicas de sab-



Vista da praça de Santa Theresza (vulgo Praça do pão)  
— Namorados na praça de D. Pedro



bado de Alleluia, no Porto, é a tradicional queima do Judas, que se realizou este anno, como de costume, em varios pontos da cidade, mas que assumiu maior impenancia no cimo dos Clerigos, um dos sitios mais concorridos, e onde o festejo fôra organizado a capricho pelos commerciantes ali estabelecidos, que aproveitaram para estadear ás portas as peças de chitas, lãs, merinos e outras fazendas, de variiegadas côres, destinadas a attrahir as camponias. A rua fôra luzidamente embandeirada e uma banda de musica tocou durante todo o dia varias composições. Ao fundo das escadas da igreja haviam sido collocados tres bonecos de papelão, vestidos com papeis de côres berrantes: o Judas enforcado n'um pinheiro, e dois soldados fazendo-lhe a *guarda de honra*. Logo que os sinos dos Clerigos repicaram festivamente, annunciando a saída da Alleluia, realizou-se a sua queima, e no meio de um grande entusiasmo popular os tres vistosos e ridiculos figurões desapareceram em fragmentos multicores, que voaram por entre o fumo.

Tal é a velha usança da queima do Judas, em que não é muito difficil encontrar uma longinqua assimilação das festas de origem pagã, que costumavam celebrar-se no solsticio da primavera, e que, como notou já um dos nossos mais eruditos mythographos, se acham muitas vezes trasla-



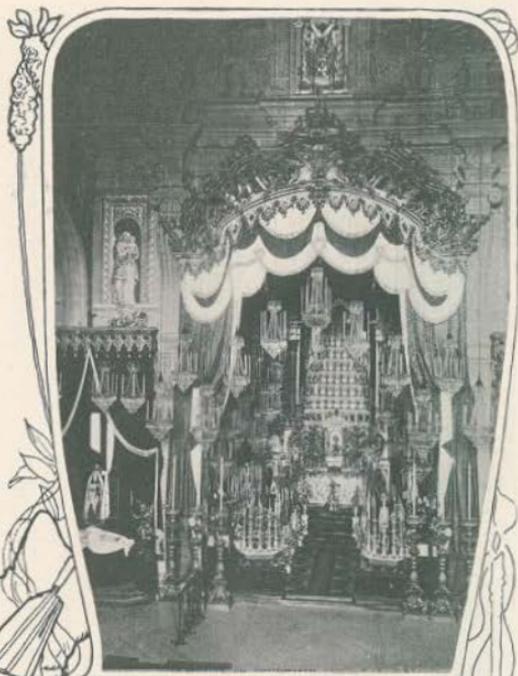
A igreja do Carmo (PHOT. TIRADA DE NOITE, SÓ COM A ILLUMINAÇÃO DAS VELAS)—Venda de pão de ló nas Carmelitas—A caminho da Praça de S. João



dadas para os ultimos dias da quaresma, para a Semana Santa. Uma tradição das Asturias basta para mostrar como o Judas actual pôde representar ainda, talvez, o deus Wuotan do pantheon germanico. Acredita-se, tanto nas Asturias, como em Castella, que o diabo anda solto nos dias da Semana Santa, sendo preciso, por isso, no sabbado de Alle-

luia expulsal-o das cas e dos campos, onde elle se introduziu aproveitando-se da circumstancia de Deus estar morto. Obtem-se este desiderato aspergindo os edificios e as terras com um ramo de louro molhado em agua benta. A tradição hespanhola é evidentemente, no que respeita ao diabo solto, um vestigio da passagem na época solsticial do Caçador infernal, que é Wuotan, representando a sua substituição pelo diabo um caso vulgar de assimilação, que se deu dos deuses pagãos, tanto romanos como germanicos, aos demonios. Na queima do Judas concretisaram-se, comtudo, outras revivescencias pagãs, como a da festa romana chamada *Paxilia* ou *Palilia*, em que entrava o fogo como elemento purificador. E' n'ella que parece filiar-se tambem a festa dos *brandões*, que se fazia com tochas ou archotes accessos no primeiro domingo de quaresma, mas que foi transferida igualmente para o sabbado da Alleluia. Na Alemanha ainda ha alguns annos mantinha-se o costume de realizar fogueiras por occasião da Paschoa. Além d'isso, o elemento amoroso, que predomina, como dissemos, na usança portuense da queima do Judas, encontra-se da mesma fórma nos brandões, como o revela o costume chamado da *valentineage* em França, na Inglaterra e na Escocssia.

Esse dia de sabbado de Al-



Egreja dos Congregados  
— Venda de pão de ló nos Anjos  
— Namorados na praça  
de D. Pedro

luia portuense vem, pois, a ter raizes que profundam no antigo terreno do paganismo. Não ha duvida de que o grotesco espantalho de cartanagem queimado no adro dos Clerigos, como symbolisando o Judas da tragedia christã, representa simplesmente o diabo da tradição asturiana, e ainda mais distantemente Wuotan, o famoso Caçador feroz chefe dos exercitos infernaes.





Não os sabem decerto os que folgam em sua volta, nem também lhes importaria sabê-lo. Os seus espiritos simples satisfazem-se bem mais facilmente.

O sabbado da Alleluia é, em todo o caso, sob qualquer ponto de vista por que seja encarado, um dia celebre para o Porto, e todos os annos, desde algumas semanas antes da sua chegada, os portuenses que sabem vêr começam a antegosal-o com refinado prazer.



*Queima do Judas nos Clerigos—Um par de namorados nos Clerigos  
—Vista da praça de D. Pedro e rua de Santo Antonio  
(CLICHÉS DE CARLOS PEREIRA CARDOSO)*

# ALGUMAS FIGURAS DA REVISTA ABC



O actor Alfredo de Carvalho,  
no papel de Compaere

A actriz Julia Mendes,  
nos papeis de Zaragata, de Mercedes e de Mata-borrão

O actor Alvaro Cabral, no papel  
de Pythagoras



A revista é, sem duvida, um dos generos theatraes mais do gosto do nosso publico, e, por isso, as de cada anno são esperadas sempre com anciosa curiosidade, que, em regra, deve dizer-se, não é illudida, porque essas peças costumam ser o relato espirituoso dos successos occorridos, e d'esse modo despertam, pelas suas scenas desopilantes e pelas suas allusões api-



mentadas, a hilaridade dos espectadores. Quando a essas qualidades, que lhe são características e indispensáveis, a revista ajunta ainda o cuidado da factura litteraria e o brilhantismo do desempenho, constitue então um successo que pôde desafiar impunemente a concorrencia de qualquer outro espectáculo theatral. E' o que acontece com o *A B C*, actualmente em scena no Avenida, e que de uma forma tão absoluta está conquistando o interesse do publico. Os seus auctores são Ernesto Rodrigues, que é um comediographo experiente, e Accacio de Paiva, que é um fino e delicado poeta humoristico,

e tanto basta para contar-se que a sua peça offerece uma contextura harmonica e está recheada de situações engraçadas e de ditos espirituosos. A peça está posta em scena com o maior luzimento de scenario e phantasia de *toilette*, por uma companhia que contém um bom numero de mulheres bonitas e de artistas de merecimento.

*A actriz Ausenda de Oliveira, no papel de Cartilha*  
 — *Carolina Baptista, no 1.º quadro do 2.º acto*  
 — *A actriz Carmen Cardoso, no papel de Penna*  
 — *Julia Paredes, no 1.º quadro do 2.º acto*  
 — *A actriz Dalila Motil, no papel de Loteria*

(CLICHÉS DA PHOT. VASQUES)

**VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO D<sup>r</sup> FRANCK**



Contra **FALTA de APPETITE — PRISÃO de VENTRE**  
**OBSTRUÇÃO — ENXAQUECA — CONGESTÕES**  
 SEM MUDAR OS SEUS HABITOS, nem diminuir a quantidade dos  
 alimentos, se tomou nas refeições e excitou o appetite.  
 Exijam a **Etiqueta justa em 4 Cores.**  
 T. LEROY, 96, Rue d'Amsterdam, 2<sup>a</sup> ris e todas Pharmacies.

**Capas para en-**  
**cadernação**

Acham-se á venda bonitas capas em percalina para a encadernação do IV volume da **Illustração Portuguesa** Satisfazem-se sempre mantendo todos os pedidos acompanhados da respectiva importancia, que é apenas de 360 réis.

Administração d'«O Seculo»  
**LISBOA**

**PRISÃO DE VENTRE**  
**HABITUAL**

**ALOINA HOUDÉ**  
**ENXAQUECAS**  
**FALTA DE APPETITE**

A. HOUDÉ, 29, Rue Albouy, Paris, 9

VAGO

Companhia  
 \*\*\*\*\* DO \*\*\*\*\*  
**Papel do Prado**

Sociedade anonyma de  
 responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas  
 do Prado, Marianaia e So-  
 breirinho (Thomas), Penso-  
 e Casal d'Hermio (Lou-  
 çã), Valle Maior (Alber-  
 çã) e garia-a-Velha. \*\*\*

\*\*\* **Escritorios e depositos** \*\*\*  
**LISBOA—270, Rua da Princeza, 276**  
**PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51**

Ender. telegr.: Lisboa, Com-  
 panhia Prado, Lyado—Porto  
 —Lisboa. N.º telephono 208

**Gaston Lot**  
**PROTHESE DENTARIA**  
**EXTRACÇÃO** de dentes sem  
 dor desde 200 rs.  
 Colocação de dentes desde  
 1500 réis.  
 Consultorio obrurgico-den-  
 tario, R. das Chagas, 42,1.  
 (Ao Calhariz)  
**TELEPHONE 1.882**

**AGUA CASTELLO**

PREMIADA em varias EXPOSICOES de FORNECEDORES da CASA REAL

NOUVEAU PARFUM  
 29, Bd. DES ITALIENS, PARIS  
**PRINCIA VIOLET**

**VIVITZ**  
 L<sup>r</sup> PIVER  
 PARIS  
 Essence Savon Poudre et Riz  
 Toilette Sachets

**L'Epil'vite**  
**L'Epil'vite**

**CREME EPILATORIA**  
 prompta a ser empregada.  
 Resultado garantido

Perfumada, dissolve  
 a barba, os pelos os mais duros do rosto e do corpo.  
 Não produz borbulhas, não irrita a pelle a mais delicada  
 M. A. GRAZIANI, Pharm. de 1<sup>a</sup> classe, 63 Rue Rambuteau, Paris.  
 Agente dep. Portugal: CURIEL & DELIGANT, 19, R. do Arco e Jesus, Lisboa.  
 Preço do frasco pequeno 900 Réis e do frasco grande 1.400 Réis.

**ESCROFULA :: CHLORO-ANEMIA**  
 Authenticas (de Paris)

**PILULAS DE BLANCARD**  
 Exigir o verdadeiro Product  
 (assinatura, etiqueta verde, e endereço)

**XAROPE DE BLANCARD**

40, Rue Bonaparte, Paris (1<sup>a</sup> France).

**LYMPHATISMO :: DEBILIDADE**

**NESTLÉ**  
**FARINHA LACTEA**

Preço 400 réis

36 medalhas de OURO incluindo a con-  
 ferida na Exp. Agricola de Lisboa

**Ourivasaria "CHRISTOFLE"**  
 Uma Só e Unica Qualidade  
**A Melhor**

Para obtela e tambem  
**EXIJA-SE** esta Marca

o Nome "CHRISTOFLE"  
 sobre cada peça.

# Instituto de belleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, belleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisíveis approvados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparelhos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Agua e crèmes para branquear a pelle das mãos, luvas e apparelhos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a côr empregue todas as manhãs os maravilhosos productos:

*Tintura vegetal garantida e inoffensiva. Loção capilar para evitar a queda dos cabellos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua côr natural. Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pellos e fazendo-os desaparecer completamente.*

## Loção, Crème e PÓ KLYTIA

instruções para o seu emprego e a sua côr natural. Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pellos e fazendo-os desaparecer completamente.

O INSTITUTO DE BELLEZA deseja ter agentes nas principaes cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depositos em todas as principaes cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Belleza lecciona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26—PARIS

# Ernst George

SUCCESSORES

8, Rua Bella da Rainha, 8 \*\*\*\* LISBOA

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc., etc. Viagens ao EGYPTO e no Nilo. Viagens de recreio no MEDITERRANEO e ao CABO NORTE. Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito. Cheques para hotéis.

Viagens baratissimas á TERRA SANTA

Grande descoberta Ingieza!

"Cutissine" para embellezar a pelle e conservá-la sempre bonita e livre de todas as affecções. Preparação elegante e bem perfumada. Garrafa 600 rs.

"Lavaden" Para a bocca e os dentes. Conserva os dentes sempre puros e limpos e o halito doce. Garrafas a 250 rs. Ambas as preparações recomendadas por altas personalidades. Pedidos aos agentes **Azanoot & C.**, 43, Rua do Carmo, 43—LISBOA. N. B.—Veja-se a assignatura do chimico fabricante J. C. Mascarenhas (J. C. M.) sobre cada garrafa.

VAGO

# ZEISS

## Apparelhos PALMOS

De metal leve com obturador de ranhura

E OS

### OBJECTIVOS ZEISS

De todos os tamanhos correntes

PEÇAM-SE PROSPECTOS P. 105.



## Binoculos ZEISS

COM AUMENTO DE RELEVO NAS IMAGENS  
NOVOS MODELOS

A' venda em todos os estabelecimentos de optica e por

Berlim  
Frankfurta M.  
Damburgo

**CARL ZEISS**  
JENA (Allemanha)

Londres  
St. Petersburgo  
Viena

Agente em Paris: Camille Lipman, 26, Rue Vignon

AINDA É

# Tempo

De começarem as vossas cadernetas de

COUPONS 400 COUPONS

ficando assim habilitado aos magníficos premios que estão destinados ao concurso de 1908 e dos quaes fazem parte

UM SOBERBO CHALET

2 Automoveis 2

Um HIATE

e premios de todos os generos para todos os gostos e todas as idéas